

AS DISSERTAÇÕES DE INÁCIO BARBOZA MACHADO NA ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS

INÁCIO BARBOZA MACHADO'S EXPOSITORY ESSAYS IN ACADEMIA BRASÍLICA DOS ESQUECIDOS

Jessica de Castro GONÇALVES¹

RESUMO: À luz dos principais fundamentos da Crítica Textual e da Ecdótica, este trabalho estuda os *Exercícios de Marte Noua Escolla de Bellona ...*, ou as dissertações de história militar para a Academia Brasílica dos Esquecidos. A pesquisa compreende o estudo e a transcrição do manuscrito, já que se trata de um segundo testemunho de uma versão já trabalhada. Além disso, o texto é analisado segundo sua importância no rol de documentos que caracterizou a referida academia como um importante momento da vida intelectual e das belas letras no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia; Brasil Colonial; Academia Brasílica dos Esquecidos.

ABSTRACT: Through Textual Criticism and Ecdotics, this academic research aims at studying the second version of a manuscript written by the academician Inácio Barboza Machado, *Exercícios de Marte Noua Escolla de Bellona...*, or expository essays about military history for Academia Brasílica dos Esquecidos. This research consists of a study and transcription of manuscript, being it the second testimony of an already handled version. In addition to this study, the text will be analyzed according to its importance in the list of documents which characterized the referred Academy as an essential moment of the intellectual life and fine letters in Brazil.

KEYWORDS: Filology; Colonial Brazil; Academia Brasílica dos Esquecidos.

Academia Brasílica dos Esquecidos: fundação e composição

A Academia Brasílica dos Esquecidos foi instituída no dia de 7 de março de 1724, pelo Vice-Rei do Estado do Brasil Vasco Fernandes César de Meneses, a mando de El-Rei D. João V. Tal movimento no Brasil colonial ocorreu em um período de estabelecimento de diversas academias em todo o território português, a partir da Academia Real da História Portuguesa. A Academia Brasílica dos Esquecidos é estabelecida com o propósito inicial de contribuir para a construção de parte da história da colônia, a *América Portuguesa*, no âmbito da história oficial de Portugal.

O foco dos estudos desta academia compreende a história Brasílica, dividida em quatro partes: a História Natural, pelo Chanceler Caetano de Brito e Figueiredo, a História Eclesiástica pelo

¹ Graduanda em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: jesqueline@ig.com.br. Orientador: Carlos Eduardo Mendes de Moraes

Reverendo Gonçalo Soares da Franca, a História Política pelo ouvidor Geral do Cível, Luís de Siqueira da Gama e a História Militar pelo Juiz de Fora Inácio Barbosa Machado. Cada letrado assinava com os seguintes pseudônimos: Nubiloso, Obsequioso, Ocupado e Laborioso, respectivamente.

Academia define-se neste momento histórico, nos seguintes termos:

Academia propriamente dita, dentro da compreensão ampla de associação cultural com objetivos, organização e atuação temporariamente ilimitada, fixados em estatutos próprios. Definiam-se tanto pela atividade literária, como matéria de suas reuniões diárias, quanto pelos seus estudos e trabalhos históricos e até científicas, em cumprimento de planos previamente traçados ou de recomendações (CASTELLO, *apud* MORAES, 1992, p. 10).

Apesar do objetivo de contribuir para a história, o estabelecimento da academia estava imerso em relações de poder. Primeiramente, podemos destacar que o poder do Vice-Rei em relação às decisões tomadas pelos Governadores das capitanias era restrito. Assim a instituição de uma academia incentivada pela Academia Real de História Portuguesa estreitava as relações entre o Vice-Rei e os Governadores, aumentando o domínio daquele, por meio do envio de cartas aos Governadores e a petição de relatórios sobre os dados de cada capitania para a construção de uma história oficial da "metrópole", idealizada pelo fundador daquela Academia, o padre Manuel Caetano de Sousa.

Outro fator que demonstra a importância política da academia está relacionado ao desenvolvimento da cultura aurífera em Minas Gerais e a ameaça, frente a isso, da perda da hegemonia política da Bahia na colônia, já que esta tinha sua economia açucareira prejudicada pela concorrência com o açúcar das Antilhas. Assim os letrados começam a defender por meio dos documentos acadêmicos a importância da literatura frente ao comércio aurífero:

os eruditos insistiam ser a comunicação dos conhecimentos mais importantes do que as vantagens da exploração mineral: [...] e se a Ciência se não diminui quando se comunica (gastando-se e diminuindo-se o ouro com a comunicação) notória fica a vantagem de um, a outro tesouro (CASTELLO, 1969-71, *apud* KANTOR, 2004, p. 93).

O terceiro ponto desta faceta da instituição da academia consistia em relatar à Coroa portuguesa os feitos na colônia, para uma possível retribuição na forma de mercês à classe dominante pelo saber:

Descrever as ações relevantes, ser nominalmente incluído como bom servidor da Coroa numa relação histórica ou numa gazeta impressa representava uma estratégia para obter a remuneração de serviços prestados ao rei. No horizonte

dos acadêmicos brasílicos, a expectativa de retribuição da mercê régia era um elemento de mobilização importante. De tal maneira que a escrita da história podia ser transformada em moeda de barganha no jogo político entre os colonos e os poderes centrais (op. cit., p. 98).

Assim, a academia possuía a dupla importância, pois ao mesmo tempo aumentava seu prestígio diante da Coroa, estreitava as relações entre Vice-Rei e Governadores. Suas sessões se realizavam de 15 em 15 dias, com alternância de presidentes e, nas duas primeiras, dois em dois oradores das modalidades históricas. As sessões eram compostas por apresentações em prosa e em verso.

A Academia Brasílica dos Esquecidos seguiu um modelo de execução apoiado no período alexandrino, quando a produção literária era mais elitista. Obviamente, na sua condição de centro de saber de uma colônia, a academia não estava em um contexto de criação, mas de reprodução de modelos e compilação de dados de interesse da Coroa.

O Acadêmico *Laborioso* Inácio Barbosa Machado

O acadêmico Inácio Barbosa Machado era filho de João Barboza Machado e Catarina Barbosa. Nasceu em Lisboa, no dia 13 de Novembro de 1686 e faleceu nesta mesma cidade no dia 28 de março de 1776. Parte de seu prestígio provém da formação e da aproximação com seu irmão, o bibliófilo Diogo Barbosa Machado, consagrado no século XVIII pela obra *Biblioteca Lusitana, Histórica, Crítica e Cronológica, na qual se compreende a notícia dos autores portugueses, e das obras que compuseram desde o tempo da promulgação da **Lei da Graça**, até o tempo presente; oferecida à Augusta Majestade de D. João V, nosso Senhor* (1741, 1747, 1752, 1758). O pseudônimo *Laborioso* foi utilizado na primeira Academia brasileira. Inácio Barbosa Machado exerceu por três vezes a função de acadêmico:

1. Em 1724 foi mestre de história militar na Academia Brasílica dos Esquecidos;
2. Em 1738, passou da condição de acadêmico supranumerário à condição de acadêmico numerário da Academia Real da História Portuguesa, em virtude da morte do Secretário Manuel Caetano de Sousa;
3. Em 1759 figurou entre os acadêmicos supranumerários da Academia Brasílica dos Renascidos.

O manuscrito 13/15/42 e as questões que o circundam

O presente estudo tem como objeto de pesquisa um testemunho das Dissertações da História Militar no Brasil, do acadêmico Inácio Barbosa Machado, escrito para a Academia Brasílica dos Esquecidos em 1724, o manuscrito 13/15/42 da Biblioteca Nacional de Portugal. Este se compõe de dissertações crítico-jurídico-históricas sobre o descobrimento do Brasil e os conflitos delas decorrentes, cobrindo, principalmente, os dois primeiros séculos da colônia portuguesa.

A pesquisa surgiu da existência de um testemunho² composto por somente um punho, transcrito e estudado por Carlos Eduardo Mendes de Moraes, e de outro testemunho do mesmo documento composto por sete punhos diferentes, sendo este último, objeto do presente estudo.

A abordagem do documento é realizada nesta presente pesquisa em duas diferentes perspectivas, debatendo-o no âmbito da academia para apresentá-lo como subsídio para pesquisas futuras. As primeiras pesquisas se voltam para a compreensão e a interpretação do documento, constituindo-se basicamente no estudo da sua caligrafia e na sua transcrição semidiplomática. Já a segunda perspectiva compreende os elementos relacionados ao conteúdo do documento, enquanto parte da Academia Brasílica dos Esquecidos e que, como tal, auxilia no relato dos dados de uma sociedade letrada.

Essas perspectivas de trabalho leem o manuscrito como um documento integrado ao ambiente acadêmico do Brasil colonial, cujos estudos se voltam para a investigação das características deste movimento, para as práticas literárias que o formam e para o momento social e histórico em que foi produzido. Esses conhecimentos são necessários para o debate sobre as dissertações históricas.

Considerando os problemas pelos quais pode passar um documento manuscrito, entendemos que o texto manuscrito, enquanto objeto de estudo desta pesquisa, requer a aplicação dos conhecimentos da Crítica Textual, que visa “a restituição da forma genuína do texto” (CAMBRAIA, 2005, p.1) e da Ecdótica, que visa a “estabelecer um texto que se avizinha o mais possível do original” (SPINA, 1977, p.88). Assim, neste momento realiza-se um estudo com vistas à uma transcrição semidiplomática. Esta escolha se deu pela necessidade de estabelecer uma edição mais próxima ao original e pela necessidade da fixação de algumas notas explicativas e do desenvolvimento das abreviaturas e esclarecimentos de trechos de menor compreensão.

Esta transcrição justifica-se por resultar na aplicação de técnicas de uma edição monotestemunhal (CAMBRAIA, 2005), à qual deveremos confrontar, posteriormente, a primeira transcrição, do manuscrito de um único punho, procurando integrar, dentro dos critérios da Crítica

² O manuscrito 320 faz parte dos Códices Alcabacenses da Biblioteca Nacional de Portugal. Arquivado separadamente dos demais documentos da Academia Brasílica dos Esquecidos, não foi publicado *n' O movimento academicista no Brasil. 1641-1820/22* (CASTELLO, 1969 – 1971).

Textual, as dissertações de Inácio Barbosa Machado à obra *O movimento academicista no Brasil – 1641-1820/22*.

Quanto às questões relacionadas ao estudo do conteúdo do documento, caberá ao Grupo de Pesquisa *A escrita no Brasil colonial e suas relações* determinar os principais problemas a serem debatidos ao longo da investigação do documento. Adianta-se, entretanto, que a não publicação das dissertações da História Militar no Brasil, de Inácio Barbosa Machado, apresentam diversos aspectos, no mínimo, “curiosos”: a) a sua estrutura não condiz com a sua proposta; b) é o único documento que possui duas versões dentre os manuscritos da Academia Brasileira dos Esquecidos; c) segundo os manuscritos das conferências da Academia, não consta que Inácio Barbosa tenha participado de alguma delas; d) as duas versões da História Militar do Brasil são datadas de 1725, portanto, ano posterior ao da existência da Academia; e e) em 1900, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro publica, sob a autoria de José Miralles, uma *História Militar do Brasil*. Alguns estudiosos do período incluem este autor no rol de Esquecidos do Brasil.

Conclusões e questionamentos

O testemunho, objeto desta pesquisa, possui 160 fólios. Formado por um aparato e oito dissertações, copiadas por sete punhos. O documento está em condições legíveis, possuindo algumas rasuras em determinados pontos e apresenta dificuldade maior na leitura do quarto punho, no espaço do qual há manchas, devidas a problemas de borrão na superfície escrita.

O destino das dissertações históricas de Inácio Barbosa Machado passa por duas questões. Especula-se que o acadêmico não tenha participado *in loco* da Academia Brasileira dos Esquecidos, pois as versões das suas dissertações, ambas, datam de 1725.

Este estudo e transcrição do documento relacionado à primeira academia do Brasil fundada no período colonial é importante graças às possibilidades de complementação de seu *corpus*, advinda da apresentação desta versão inédita para o debate de seu tema e também pela perspectiva filológica que se lhe pode aplicar, uma vez que este tratamento pode subsidiar estudos tanto no campo da lingüística como da literatura e ainda associar a existência de tais documentos a outros tantos campos de ação das ciências humanas, notadamente a história e da educação.

Finalmente, observa-se que o estudo deste documento, tanto em relação à academia, quanto em relação à sua própria trajetória, requer, ainda, muitas divisões e aprofundamento, pois as suas características são distintas dos demais manuscritos da Academia Brasileira dos Esquecidos, no que diz respeito à história da existência do texto.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro [19--].

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *Poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1995.

AZEVEDO FILHO, L. A. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1987.

BINATO, C. V. P. *Os poetas latinos da Academia Brasílica do Renascidos*. Assis, 2000, 254 p. Tese (Doutorado em Filologia e Linguística Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CASTELLO, J. A. *Manifestações literárias da época colonial*. São Paulo: Cultrix, 1981.

CASTELLO, J. A.. *O movimento academicista no Brasil 1641-1820/22*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Esportes e Turismo, 1969-1971, 3v, 14 t.

CHARTIER, R. *Do leitor ao navegador*. São Paulo: EdUNESP, 1996.

CURTIUS, E. R. *Literatura européia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo : Hucitec – Edusp, 1996.

FLECHOR, M. H. O. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Secretaria da Cultura: Coordenadoria de Atividades Culturais, Departamento de Artes e Ciências Humanas – Divisão de Arquivo do Estado (DAE), 1979.

GRIGERA, L. L. *Anotações de Quevedo à Retórica de Aristóteles*. Trad. Paulo Vasconcellos e Cássio Borges. Campinas: EdUNICAMP, 2008.

HANSEN, J. A. *Alegoria*. Construção e interpretação da metáfora. São Paulo: Hedra; Campinas: EdUNICAMP, 2006.

HANSEN, J. A.. *A sátira e o engenho*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

KANTOR, I. *Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana*. Salvador: HUCITEC; Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004.

MORAES, C. E. M. *A poesia latina de José da Cunha Cardoso na Academia Brasílica dos Esquecidos*. São José do Rio Preto, 1992, 232 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

MORAES, C. E. M.. *A Academia Brasília dos Esquecidos e as práticas de escrita no Brasil colonial*. São Paulo, 1999, 611 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), Faculdade de Filosofia, Letras

e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MORAES, R. B. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

PALMA-FERREIRA, J. *Academias Literárias dos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982.

PEREIRA, C. A. *Fontes do **Caramuru***. Assis: ILHPA, 1971.

PERUGI, M; SPAGGIARI, B. *Fundamentos de crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, S. *Introdução à edótica: (crítica textual)*. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1977.

VERNEY, L. A. *O verdadeiro método de estudar*. Lisboa: Sá da Costa, 1952.